SAUDAÇÃO A ABELARDO MONTENEGRO

Mozart Soriano Aderaldo

Afeito ao uso da palavra, oralmente ou por escrito, visto ser este o instrumento de trabalho dos que lidam com as coisas do espírito, encontro sempre alguma dificuldade quando me é oferecida a honrosa incumbência de saudar amigos em merecidas homenagens que lhes são prestadas, como esta.

Não que eu seja, por índole, parco em elogios e em reconhecer os méritos de quem os possui realmente. Pelo contrário, nas ocasiões em que tenho exercido o delicado mister de crítico literário, sou mais para elogiar do que para condenar, não por amolecimento de caráter ou pelo desejo de agradar indeterminadamente, pois creio ter senso e equilíbrio, mas por entender que a simples divulgação de suas lucubrações intelectuais já situa o publicista em condições de ser analisado benevolamente.

Aquela minha dificuldade, a princípio referida, mais se relaciona com o muito que tenho a dissertar, tantas são as recordações que se embaralham no meu pensamento de amigo e admirador. Será mister vencê-la, pondo as idéias em relativa ordem, hierarquizando-as, para que menos desprimoroso possa sair o discurso de saudação.

É isto, precisamente, o que ocorre mais uma vez. São tantas as coisas que tenho a dizer de Abelardo Montenegro que custoso me será discipliná-las e alinhá-las nestas boas-vindas de parcos minutos, como determina o protocolo. Embaraço esse que, longe de significar inafeição ou subestimação, antes decorre, como já foi explicado, do valor da alen-

tada produção intelectual e da rica personalidade do homenageado de hoje.

* * *

Conheci Abelardo Montenegro criança ainda, lá pelas proximidades do sertão da Mombaça, quando, no gozo de férias escolares e em trânsito por Senador Pompeu, ia ou vinha eu da terra de meus ascendentes paternos. Era ele menino irrequieto, não obstante ser filho do Juiz de Direito da Comarca, homem bondoso mas austero e respeitável. Tão irrequieto que não se conteve nos rígidos regulamentos do Colégio Cearense, dirigido pelos irmãos maristas. Inquieto mas não insociável, lograria cursar o ciclo secundário em outros estabelecimentos de ensino, como o Colégio Castelo, sob a responsabilidade do Prof. Sila Ribeiro, e o Ginásio do Crato, sob a orientação paternal do Pe. Pita. Foi, então, que se entregou, de corpo e alma, à tarefa de reformador político, pois naqueles saudosos tempos não havia indiferentes ante a problemática do mundo. Nem tão pouco comedidos: — ou se era totalmente a favor desse ideologia ou inteiramente adepto daquela outra. As drogas dissolventes da mocidade, o amolecimento dos laços familiares e a horizontalização da Igreja ainda não comprometiam a sociedade. Todos tínhamos uma marca, como preconizava o Pe. Júlio Maria, alicerçado em São João. Lutava-se, leal e abertamente, por uma causa abraçada, desde que parecesse justa. De um lado, os reformadores que buscavam no passado a segurança do futuro, entre os quais sempre me inscrevi; e, de outro, os revolucionários que preferiam aluir tudo para, sobre os escombros de uma civilização apontada como inviável, construir novo paraíso terreal sob a égide do socialismo, sempre me parecendo ter sido essa a opção do jovem Abelardo Montenegro. Esclareça-se, todavia, para perfeita compreensão de nossas posições atuais, que jamais nos entregamos aos excessos e aos extremos, o que talvez nos tenha possibilitado, com o passar dos anos, o reencontro no estreito corredor dos ideais democráticos.

Se agora disto cuido, não o faço pelo simples gosto de reviver o passado ou de chocar, quantos me ouvem ou lêem, com o relato de episódios reais porém esquecidos de muitos ou, até, desconhecidos de todos. É que, para mim, esses fatos se tornam essenciais para a cabal compreensão da forte personalidade de Abelardo Montenegro de sua excelente produ-

ção intelectual. São dados preciosos que a mim ajudam a compreender sua tendência para os estudos sociológicos que, afinal, demonstram seu amor às causas da humanidade e sua luta em prol da terra do berço.

Enfrentávamos, nos idos de nossa juventude, os mitos dos tempos modernos, a respeito dos quais Tristão de Athayde superiormente escreveria um estudo imperecível. A Riqueza, o Número, a Maioria, a Classe, a Nação, o Estado, a Raça — eram alguns deles, sobre cuja problemática nos debruçávamos, alguns para segui-los, outros para combatê-los ou contra-argumentar com novos igualmente surgidos.

Contra a Riqueza nos púnhamos todos os jovens, sabendo que seu culto "volta, periodicamente, a crescer, à medida que uma civilização se aproxima de seu fim, pela tendência natural dos seres, individuais ou coletivos, a se prenderem às coisas imediatas assim que se sentem em perigo de vida." (*Mitos de Nosso Tempo,* Tristão de Athayde, Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1943, p. 53.)

O culto do Número e o tabu da Maioria afiguravam-se a muitos, ontem e ainda hoje, como a única saída para nossos males sociais. A Maioria — e não a Verdade — deveria comandar o mundo. E esse raciocínio tanto valia para o liberal-democrata, como para o nacional-socialista e o internacional-socialista. Os escolásticos — e parece que somente estes — não se cansavam de lembrar que uma assembléia, embora a mais ilustre, jamais poderia votar resolução conflitante com a Verdade, esteja essa ligada ao direito natural, ou, mesmo, às próprias leis científicas devidamente comprovadas.

Ao sabor dessas idéias em luta bailavam outros mitos, como o da Classe, de um lado, pugnado por uma união internacional de companheiros da mesma atividade, enfraquecendo-se, destarte, a unidade nacional e estatal, malgrado a intenção unificadora; e, de outro lado, os tabus da Nação e do Estado, aparentemente aglutinadores, mas de fato desagregadores pelo que lhes era dado fazer — e o fizeram realmente — no sentido de dividir povos e países nos limites territoriais em que vivia, em relativa paz, um aglomerado humano. Confundia-se, dessa forma, nacionalismo com vero patriotismo, que se fecha em si para projetar-se fraternalmente no mundo, enquanto aquele se fecha mesmo, ignorando outros povos e diversificadas culturas. Filho daqueles era o mito da Raça, de tão desastrosas conseqüências.

Esses tabus haveriam de ser remediados através de contramitos, como a Pobreza pelo espírito, em vez do amor à Riqueza; a perenidade da Justiça frente à valorização da Quantidade; a Colaboração entre as classes em lugar da Luta de classes; a Fraternidade cristã ante o isolacionismo nacional ou estatal; e o espírito da Família neutralizando o ódio racista.

Assim atuávamos, um tanto liricamente embora com muito fundamento, esquecidos da já divulgada lição de Le Bon, para quem "as revoluções não se limitam a derrubar alguém ou alguma coisa. Pretendem também substituir o que foi destruído. Sobre as ruínas acumuladas, os sectários elevam novos ídolos, deuses, príncipes ou doutrinas." (*Psicologia dos Novos Tempos* Gustavo Le Bon, Livraria Garnier, Rio, s/d, p. 223.) De fato, nos países em que se fez vitoriosa a luta de classes, com a propalada ascensão do proletariado, surgiria a Nova Classe dos burocratas, denunciada em seus privilégios por um próprio deles, em corajosa obra de grande repercussão. E aos devaneios nacionalistas, estatais e reaciais dos opositores daqueles, seguir-se-ia uma era de quase total descrédito de tudo, vigorando apenas o desejo incontrolado do lucro fácil, do gozo a qualquer preço, do vale-tudo em matéria de sexo, da mais desbragada libertinagem por conta de uma decantada e mal compreendida liberdade do pensamento e de ação.

Poderia parecer, dessa forma, que nos achamos um tanto desencantados no trecho descendente de nossa caminhada. E que nos restaria o debruçamento sobre a realidade social e histórica, razão plausível de nossa vocação para esse tipo de estudo. Sei que seria estultícia categoricamente afirmar que vem disso, apenas, o gosto de Abelardo Montenegro pelas pesquisas de caráter sociológico, a respeito do povo cearense e dos marcantes episódios de sua história. Lícita, porém, me parece a conclusão que podemos tirar a respeito de sua predileção pelos temas que o fazem voltar-se sobre nossas raizes e interpretar nosso comportamento social.

Qualquer que seja a causa de sua indiscutível inclinação pelos assuntos sociais e regionais, verdade incontestável é que sua pujante obra e percucientes observações nelas contidas bem o ajustam ao fim mesmo da entidade respeitável e que hoje o acolhe. A biografia do Professor Soriano de Albuquerque, que pontificou em nossa sempre assim chamada

Faculdade de Direito, a despeito das reformas que vieram ou virão; as considerações que teceu sobre Antônio Conselheiro, do clã dos Maciéis de Quixeramobim; o elogio de seu Patrono da Academia Cearense de Letras, o heróico Pe. Gonçalo Inácio de Albuquerque Mororó; a interpretação a respeito da posição de nosso conterrâneo Juarez Távora ante a Revolução Nacional — tudo são provas sobejas de seu gosto pelos temas locais. Gosto esse que igualmente se revela, talvez de modo ainda mais acentuado, nos profundos estudos que fez sobre o romance cearense, o cangaceirismo e o fanatismo religioso no Ceará, os partidos políticos cearenses, a tentativa de interpretação do Ceará como um todo, a vinculação da Praça do Ferreira à alma do nosso povo e a louvação, disfarçada embora, ao próprio molequismo cearense, infelizmente amolecido ou mesmo desaparecido com a descaracterização advinda por via do cinema e da televisão. Descaracterização que alcançou não somente esse aspecto da psicologia de nossa gente, mas outras, inúmeras outras facetas da "cearensidade", expressão preferida por Parsifal Barroso, fazendo-nos um conglomerado igual aos demais, que, por via de persistente propaganda, se alimenta de sanduíches, bebe coca-cola, usa roupas de cores aberrantes e manipula o sexo ao modo da juventude ianque, tudo isso ao arrepio de nossas mais caras tradições de povo católico, lidimamente brasileiro mas de inconfundíveis marcas regionais.

Contra isso Abelardo Montenegro sempre se rebelou de forma velada ou declarada, como enfaticamente proclamou ao empossar-se na Cadeira nº 10 da Academia Cearense de Letras: — "Aí está a minha obra, quase toda voltada para o estudo do Brasil e do Ceará. Aí estão os meus livros com a pesquisa e a tentativa de interpretação de fatos, idéias e acontecimentos. Aí estão os frutos de minhas elucubrações, do labor inspirado sempre pelo amor da terra-mater. Aí está a minha vida, parte da qual consumida nas redações dos jornais, nas bibliotecas, em cômodos de hotéis e pensões e nos trabalhos de campo, dedicada, invariavelmente, ao exame do trágico cotidiano, às perquirições da História, às investigações da Sociologia, às escogitações da Economia e do Direito. Inicio a descida da etária montanha como homem pobre, porque, em minhas andanças, só tive tempo de enriquecer o espírito e de fazer um pouco de luz sobre alguns recantos do nosso passado." (*Elogio do Patrono,* Abelardo Montenegro, s/ind. de ed., Fortaleza, 1955, p. 18.)

É este o homem que o Instituto do Ceará, por inspiração de três dos muitos admiradores do recipiendário desta noite, convidou para integrar o atual quadro de seus 40 sócios efetivos, lídimos continuadores dos noventa e poucos sócios da respeitável entidade cultural que, durante noventa e poucos anos de profícua existência, se tem debruçado sobre os temas da terra e do povo do Ceará.

Da justiça da homenagem não é lícito duvidar, poder-se-ia, somente, lamentar a demora desta consagração, pelo muito que Abelardo Montenegro tem produzido, com amor indisfarçado, sobre a terra de seu nascimento.

* * *

Sr. Abelardo Montenegro:

Embora por mim expressos palidamente, são estes os sinceros sentimentos de vossos colegas do Instituto do Ceará, que vos escolheram, unanimemente, substituto do inesquecível companheiro e amigo Braga Montenegro.

Na verdade, sois um dos nossos há muitos anos, por direito de legítima conquista, com a numerosa e escolhida bagagem intelectual e com a preciosa e personalíssima colaboração que vindes dando à bibliografia regional.

Destarte, a esta altura de minha saudação, resta-me tão-somente reproduzir, pertinentemente, aquilo que disseram há mais de 30 anos, quando aqui ingressei e que os fatos confirmaram: da Casa do Barão de Studart o vinho é bom e a sombra é amável. E bem os mereceis.